

REVISTA

Ligações Fortes
c.m - vfxira.pt



COLETE ENCARNA DO

30/1^e2
JUN/JUL

VILA FRANCA DE XIRA
2023



CÂMARA MUNICIPAL



APOIO



Entidade Regional de Turismo da Região de Lisboa





SÁBADO

01 DE JULHO / 16H00

PRAÇA AFONSO DE ALBUQUERQUE

HOMENAGEM AO CAMPINO

CONCERTOS

SEXTA - FEIRA

30 DE JUNHO

20H30

LOS ROMEROS

CONVIDADO ESPECIAL

BUBA ESPINHO

22H00

FERNANDO

CORREIA MARQUES

23H45

NÉMANUS

01H15

DJ ROD THA FUNK

SÁBADO

01 DE JULHO

20H30

CARAPPAUS

AZEITE & ALHO

23H00

GIPSY KINGS

BY ANDRÉ REYES

01H30

DJ JOHN GOULART

DOMINGO

02 DE JULHO

19H00

MARTA ROSA

20H30

LILIANA MARTINS

22H00

JORGE FERNANDO

ESPETÁCULOS TAURINOS

SEXTA - FEIRA

30 DE JUNHO

18H00

ESPERA DE TOIROS

SEGUIDA

DE LARGADA

SÁBADO

01 DE JULHO

10H30 CORRIDA

DE CAMPINOS

LG. 5 DE OUTUBRO

12H30

ENCIERRO

PARA JOVENS

LG. 5 DE OUTUBRO

18H30

ESPERA DE TOIROS

SEGUIDA

DE LARGADA

02H00

GARRAIADA

DA SARDINHA

ASSADA

PRAÇA DE TOUROS

PALHA BLANCO

DOMINGO

02 DE JULHO

10H30

ESPERA DE TOIROS

SEGUIDA

DE LARGADA

18H00

CORRIDA DE TOIROS

PRAÇA DE TOUROS

PALHA BLANCO

**TODA
A INFORMAÇÃO:**



**AUTOCARROS
GRATUITOS**
Concelho V.F.X.



COLETE ENCARNADO 2023 / REVISTA

Propriedade Câmara Municipal de Vila Franca de Xira [CMVFX] Direção CMVFX / Presidente - Fernando Paulo Ferreira Edição CMVFX / Divisão de Turismo e Dinamização do Comércio [DTDC] / Divisão de Comunicação, Protocolo e Relações Internacionais [DCPRI] Paginação CMVFX / DCPRI / Carla Félix Impressão Palmigráfica, Artes Gráficas, Lda. Tiragem 4 000 exemplares Distribuição gratuita junho de 2023

EDITORIAL

FERNANDO PAULO FERREIRA
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

Está aí a 91.^a edição do Colete Encarnado, momento ímpar de festa e sublimação coletiva, em que o campo, a animação e o convívio invadem a Cidade de Vila Franca de Xira, a partir da homenagem à figura do Campino.

Esta festa, única no contexto da Área Metropolitana de Lisboa, alia a história e as tradições populares com uma animação cultural eclética e marcante, sendo uma das maiores e mais emblemáticas festas do Ribatejo, unindo gerações num convívio animado e tolerante, com espaço para todos os gostos, marcando definitivamente o calendário anual da nossa comunidade e acolhendo cada vez mais Pessoas e famílias. O Colete Encarnado tem, desde 2020, o Galardão “7 Maravilhas da Cultura Popular”.

O ano passado, a propósito dos seus 90 anos, ensaiou-se uma abordagem articulada do programa do Colete Encarnado com novas atividades realizadas diretamente pelas forças vivas da Cidade, logo a partir de abril. Este ano foi estruturada uma programação abrangente intitulada “Do Campo à Praça”, que decorreu com sucesso e com novos momentos que, cremos, vieram para ficar.

Este ano, reforçamos a pedonalidade na Cidade durante os três dias da Festa, dando espaço às Pessoas, em segurança, robustecendo o eixo central de Vila Franca de Xira com novas ofertas (como a *street food* na Av. Combatentes da Grande Guerra, ou a reorganização do recinto a cargo dos Forcados), que tiveram grande adesão do público, das famílias e dos jovens em particular. É nesse contexto que se redesenhou a organização dos festejos por toda a Cidade, aumentando a segurança e conforto dos milhares de visitantes que se esperam entre 30 de junho e 2 de julho, entre o Quartel dos Bombeiros Voluntários e o Parque Urbano do Cevadeiro.

Apostando no transporte público, oferecemos *shuttles* gratuitos e dedicados, das 17h00 às 05h00, com partidas (e regresso) a cada meia hora da Castanheira do Ribatejo e Povos, a norte; e de Vialonga, Póvoa de Santa Iria, Alverca do Ribatejo, Sobralinho e Alhandra a sul, permitindo que as pessoas se desloquem livremente em transporte coletivo gratuito.

Durante três dias as esperas, largadas, corridas de toiros, espetáculos musicais – com destaque para a atuação dos Gipsy Kings *by André Reyes* – e a hospitalidade das nossas Tertúlias atrairão às ruas muitos milhares de visitantes. A Avenida Pedro Vítor será transformada numa grande tertúlia ao ar livre, com animação a partir do seu “Palco Vila Franca” e onde decorrerá o espetáculo final de domingo, antes do tradicional fogo de artifício no Tejo; especializam-se as ofertas nos restantes palcos tradicionais, que ganham nome próprio (“Palco Tradições” no Jardim Constantino Palha, “Palco Marialva” no Mártir Santo, “Palco Sevilhanas.Com” na Av. Combatentes da Grande Guerra). No Parque Urbano do Cevadeiro (nos dias de sexta e sábado) oferecer-se-ão também concertos e *street food*.

Em 2023 regressamos mais uma vez à paixão pelo campo, pelos cavalos e toiros, pelo nosso Tejo e pelos momentos de conversa e partilha ao redor de uma mesa, convidando cada vez mais Pessoas a juntarem-se à nossa Festa. A caminho do seu centenário, mantém-se a tradição da homenagem ao Campino, a principal figura do evento, reconhecendo e valorizando o papel deste trabalhador do campo e da Lezíria e a sua importância nas tradições e cultura tauromáquica. No momento em que se encontra em consulta pública a inscrição do Colete Encarnado no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, a Praça Afonso Albuquerque voltará a acolher o ponto mais alto da Festa, na homenagem ao campino Lúcio Isidro dos Santos, a quem será entregue o pampilho de honra, num tributo póstumo a Carlos Alves da Silva, mais conhecido por Carlos “Custódio”.

A Festa do Colete Encarnado é o maior evento cultural e turístico promovido pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Exalta a ligação do Campo à Cidade e a identidade Vila-Franquense.

Venham ao Colete Encarnado!

Contamos convosco.



CAMPINO HOMENAGEADO
LÚCIO QUÁ ISIDRO DOS SANTOS

A trindade do homem humilde, trabalhador honrado, campino destemido

Uma individualidade que construiu um percurso profissional de prestígio tem uma ligação histórica e emocional à Rua de São de Bento. No n.º 6 existia uma casa térrea, o lar de uma família modesta. Na alcova, após o parto, celebrou-se o início de uma vida, que conta hoje 83 anos de idade. Apresenta generosas décadas de vivência, ao longo das quais foi creditando saber e preceito à sua arte. Corria o ano de 1940, em Benavente, nascia o campino a homenagear na Festa do Colete Encarnado 2023: Lúcio Quá Isidro dos Santos.



Nos remotos anos 40, o pai já era um afamado campino. Hoje, o nome Isidro dos Santos está associado a uma dinastia de mestres na lida com o gado bravo. O irmão Joaquim Isidro dos Santos, Pampilho de Honra do Colete Encarnado de 2018, Maioral da Ganadaria Palha, incutiu o gosto no filho (Joaquim Carlos dos Santos), neto (Luís Santos) e bisneto (Rui Santos). Lúcio Isidro dos Santos desde tenra idade quis seguir os passos do pai e do irmão mais velho. Com pouco interesse pelo saber que colhia na sala de aula e terminado o terceiro ano do Ensino Básico, a antiga terceira classe, era atraído pela vida na campina, onde começou ao lado do seu pai. Tinha uns singelos nove anos de idade e lembra-se de ir para a “companhia do meu pai, na altura trabalhava para o Zé da Augusta Ferreira, em Vila Franca de Xira, que tinha uma ganadaria brava” recordou o campino, envergando o seu traje de festa imaculadamente preservado. Do tradicional colete reluzia o ferro da última casa que serviu, a ganadaria de Manuel António Lopo de Carvalho, que ostentava com muito brio e orgulho.

Mais tarde, seguiu ainda com o pai para a ganadaria de Rafael Mendes Calado, em Benavente. O gosto pelo maneio do gado bravo, cresceu e tomou conta do coração do jovem Lúcio Isidro dos Santos. No Monte da Saúde “havia uma vacada bastante larga, para aí 200 cabeças. Foi aí que comecei a tomar o gosto por esta vida”, recordou o octogenário de memória viva e demonstrando com vigor a sua *afición*.

O serviço militar, à época obrigatório, interrompeu a sua já experiente carreira na campinagem. Aos 22 anos é convocado para Angola, regressando, ileso e sem incidentes de maior, após 28 meses. Abreviando de forma muito direta e lúcida, recordou até que “ninguém fez mal à gente, não ouvimos tiros, chegámos a dar tiros, mas não matámos ninguém e ninguém nos acertou.



Lúcio Isidro dos Santos e a sua montada nos Campos de Vila Franca de Xira
1983
Coleção pessoal



Manuel Isidro dos Santos, pai do Campino Homenageado 2023
Coleção pessoal

Ninguém sofreu. O meu Capitão era muito esperto, viveu lá desde pequeno e sabia como devíamos de andar por lá”.

“O meu gosto não é por cavalos, sou mais aficionado aos touros!”

Regressado a casa, agarrou a primeira oportunidade de trabalho, na coudelaria de Gustavo Zenkl. “Mas, ao fim de um ano e tal, estava farto. O meu gosto não é por cavalos, sou mais aficionado aos touros”, asseverou o campino a distinguir no dia 1 de julho, em Vila Franca de Xira.

Por esta altura, as agruras do trabalho e a falta de motivação no emprego já eram partilhadas com a sua outra paixão, a mãe dos seus dois filhos: Joaquim e Maria João Nunes dos Santos, hoje com 56 e 48 anos de idade, respetivamente. “Andava por conta do Eng.º Rafael Mendes Calado, que tinha uma herdade arrendada, ali ao pé de Coruche. Todos os anos ia para lá, de março até dezembro, com os novilhos que levávamos, da herdade do Monte da Saúde, para explorar a pastagem. A minha mulher morava num monte perto e fomo-nos conhecendo. Ela andava ainda na escola. Lembro-me de montar no cavalo, ia dar a volta e passava lá na hora que sabia que ela saía da escola. Fomos tendo conhecimento e depois, quando chegou a altura, casámos”.

A sua união com Perpétua Nunes da Costa Santos assinalou-se em 1964, já em boa idade casadoura (o noivo com 24 e a nubente com 19 anos de idade). Conquistada a mulher que queria para constituir família, faltava-lhe alcançar

um trabalho numa ganadaria, o seu outro grande apego e do qual não queria abrir mão. Ingressa na Casa Agrícola da Herdade da Raposeira, Coruche, terra natal de Perpétua. A vida sorria. Fazia o que gostava e, entretanto, a maternidade abençoou o casamento com o nascimento de um filho varão. Quando chegou a proposta para acompanhar a vacada brava para a nova propriedade do patrão, Alberto Cunhal Patrício, localizada em Évora, nem pensou duas vezes. A mulher e o filho de 10 meses de idade foram também. Foi uma aventura, sair de terras ribatejanas, aquelas que os viram nascer e rumar ao Monte das Igrejas. Valeu a pena. Foram 30 anos ao serviço de uma ganadaria que ganhou muita popularidade, nomeadamente nos anos 60 e 70, tendo sido lidada por grandes figuras do toureio, nas praças de touros portuguesas e espanholas.

O maioral que sai em ombros das praças de touros espanholas

Para além das infindáveis memórias que guarda na sua mente, que não acusa as mais de oito décadas de existência, relatando os factos da sua vida com uma apreciável lucidez e discernimento, tem um acervo documental sobre o seu passado, também digno de apreço, pela diversidade e pelo brio como está organizado. Alguns momentos áureos estão impressos em papel fotográfico, cujas cores acusam o passar dos anos. Num deles aparece a confraternizar com José Ortega Cano, na Praça de Touros de Hellín, Albacete. Noutra, a preto e branco, surge em ombros,



“O MEU GOSTO NÃO É POR CAVALOS, SOU MAIS AFICIONADO AOS TOIROS!”

Em ombros em San Sebastian de Los Reyes (Espanha) com Júlio Aparício e Jesulín de Ubrique 1982
Coleção pessoal

ao lado de Júlio Aparício, também montado, em San Sebastian de los Reyes (1992).

Embora estes registos sejam representativos de muitos afamados momentos, guardados com esmero em casa, demonstram a atividade de exceção que desenvolveu ao longo da sua vida, ao serviço da sua arte. Engrandecendo a cultura e a identidade tauromáquica, Lúcio Isidro dos Santos elencou os momentos da sua história com uma humildade notável, sendo definitivamente uma virtude do seu caráter. Destacou ainda o dia 30 de junho de 1974, em Burgos, Espanha, em que recordou: “Saímos pela porta grande”. A corrida contou com seis touros de ferro Cunhal Patrício e o cartel foi composto por Diego Puerta, Paco Camino e Roberto Dominguez. Mas o Maioral da ganadaria de Cunhal Patrício esteve também presente noutros momentos históricos: Hellín, a 5 de outubro de 1973, com as grandes figuras do toureio Dámaso González, Francisco Rivera “Paquirri” e Pedro Gutiérrez Moya “El Niño de la Capea”, tendo um touro até recebido as honras da “vuelta ao ruedo”.

A par da memória arguta e luminosa, o relato, a viva voz, da sua história de vida, embrenha qualquer ouvinte, contagia-o de tal forma, que facilmente se acompanham e visualizam, as variadas e ricas estórias que contam a história da sua vida. Um percurso que, para além de muitas glórias, algumas além-fronteiras (Almería, Barcelona, Badajoz, Bilbao, Madrid, San Sebastian de Los Reyes, Saragoça, Talavera de la Reina, etc.), outras por terras Lusas (Almeirim, Lisboa - Campo Pequeno, Santarém, Vila Franca de Xira, etc.),



Lúcio Isidro dos Santos na Praça de Touros de Hellín com José Ortega Cano
25 de março de 1989
Coleção pessoal



Em ombros em San Sebastian de Los Reyes (Espanha) com José Ortega Cano
28 de agosto de 1992
Coleção pessoal

contou também com momentos que exigiram um espírito de superação e resiliência, necessário para ultrapassar algumas adversidades que se cruzaram no seu caminho. O episódio mais traumático da sua vida, ironia do destino, não foi com o gado bravo, mas com um fardo de palha sete vezes mais pesado que ele.

O acidente com o malfadado fardo de 500 kg

“Andávamos a acartar feno do campo de Vila Franca de Xira. Cada fardo tinha para aí 500 quilos. Foi mais ou menos por esta altura do ano. Vá de enfardar e carregar para levar para Vendas Novas. O patrão (Manuel António Lopo de Carvalho) avisou-me que as camionetas levavam mais carga e mais alta. Estava num trator pequeno e com uma lança empurrava o fardo para fora da camioneta. A dada altura houve um que veio, caiu para cima de mim e deixou-me entalado. Foi o motorista da camioneta que me acudiu. Tinha para aí 67 anos. Fui para o Hospital de Évora e depois para o Hospital de São José, onde fui operado. Sem poder levantar da cama estive 19 dias. Depois fiz fisioterapia vários meses. Recuperei o andar, mas tenho dores em certas alturas. Foi o pior que me aconteceu. Mesmo depois das quedas de cavalo ou da vez em que fiquei debaixo de um novilho de três anos para acudir a um colega”, recordou com pesar o seu acidente

de trabalho (2007), sem, no entanto, o fazer de forma derrotista.

Com a mesma tranquilidade de alguém que aceita certos episódios mais duros como fazendo parte dos ossos do ofício, contou ainda aquele decorrido em Évora, nas pastagens do Monte das Igrejas, quando ficou debaixo de um novilho depois de tentar, com um colega, apartar duas reses bravas que se estavam a confrontar, num comportamento frequente, que visa alcançar o domínio na escala hierárquica da manada. Este trabalho de vigilância, que por vezes implica uma intervenção rápida por parte do campino, é uma das tarefas mais perigosas que tem de enfrentar no rol de todas as outras que lhe são confiadas pelo criador de touros, seu empregador. Mas é, sem dúvida, fundamental, nomeadamente para que os animais, no decurso dos conflitos, não se aleijem ou morram, situações que prejudicam o trabalho destes guardiões de gado especializados, acartando também nefastos prejuízos à ganadaria.

“Em Évora, no pasto do Cunhal Patrício, fomos apartar dois touros à briga. Combinámos que um de nós iria, à larga, passar a correr, para ver se o touro que estava no chão fugia, com o outro a distrair-se com a gente. O que estava no chão levantou-se e foi atrás do meu colega, derrubando-o. Meteu-lhe a cara e voltou a cair. Quando se voltou a levantar, o meu colega desatou a correr, deu comigo, que tinha ido acudir.

Eu já não tinha pernas para fugir. Ora, caiu-me logo em cima e levantou-me. Gritei: ‘Oh Telmo puxa-lhe pelo rabo!’ Quando se agarrou, ele caiu com as patas abertas. Disse logo: ‘É agora!’ e fugimos. Mas quando estava agarrado à cabeça dele, pensei: ‘Vou levar daqui uma receita grande’. Mas afinal correu bem!”

67 anos de dedicação à arte de manear o gado bravo

Mesmo somando um conjunto de mazelas que afetaram a sua saúde e condicionaram o seu desempenho, reformou-se em 2010, tendo apenas cessado funções aos 76 anos de idade. Terminou a sua profícua carreira ao serviço da ganadaria do Eng.º Manuel António Lopo de Carvalho, onde esteve cerca de 18 anos.

No total esteve 67 anos dedicado à arte de manear o gado bravo nas campinas ribatejanas e alentejanas. Respeitou a farda e os preceitos do ofício. Contribuiu, ao longo do seu percurso, para a continuidade da Festa Brava, para o prestígio das várias ganadarias portuguesas por onde passou. O reconhecimento pelos seus pares vem agora no maior evento público, a Festa maior com tradição a sagrar a figura do campino, como o símbolo de identidade histórico-cultural, honra e bravura ribatejana. É já dia 1 de julho, na Festa do Colete Encarnado de 2023. Viva!



Festas do Colete Encarnado,
Corrida de Campinos
1965
Coleção pessoal



Inauguração do Monumento ao Campino
Vila Franca de Xira, 10 de julho de 1982
Arquivo Municipal



Prova fotográfica do escultor Domingos Soares Branco
ao campino Lúcio Isidro dos Santos, que serviu de modelo
à criação do monumento
1992, Vila Franca de Xira
Coleção pessoal



A Rainha D. Isabel II em visita à Lezíria de Vila Franca de Xira
Edições D' Araújo
Lezíria, 20 de fevereiro de 1957
Col. Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Modelo da escultura do Monumento ao Campino

O campino a homenagear pela 91.ª edição do Colete Encarnado teve participação ativa no que resultou na escultura comemorativa dos 50 anos da Festa, intitulada “O Toiro e o Campino”. Conhecido pelo Monumento ao Campino, situado no Largo Rodrigo César Pereira, em Vila Franca de Xira e inaugurado em 1982, é mais uma das muitas obras que povoam o espaço público português, do conceituado escultor Domingos Soares Branco. Amigo próximo dos proprietários da Ganadaria Herdeiros de Alberto Cunhal Patrício, pediu a Isidoro Maria de Oliveira (marido de Margarida Maria Patrício de Oliveira), que o maioral da casa fosse ao seu atelier, a Lisboa, para que fosse fotografado, de maneira a criar um modelo que recriasse de forma fiel um campino e a sua montada. O pampilho foi deixado por Lúcio Isidro dos Santos para a execução da réplica, assim como a prisão do seu cavalo. “Quando cheguei a Lisboa, o animal já estava feito e o campino também. Na ocasião o artista pediu-me para ver se estava alguma coisa mal. Comecei a olhar e perguntei: ‘É um cavalo ou uma égua?’. Respondeu que era uma fêmea. Disse logo: ‘Olhe que elas só têm duas tetas e esta tem quatro!’. Depois não sei se, na altura, fez a alteração”.

Visita da Rainha de Inglaterra à Lezíria Vila-Franquense (1957)

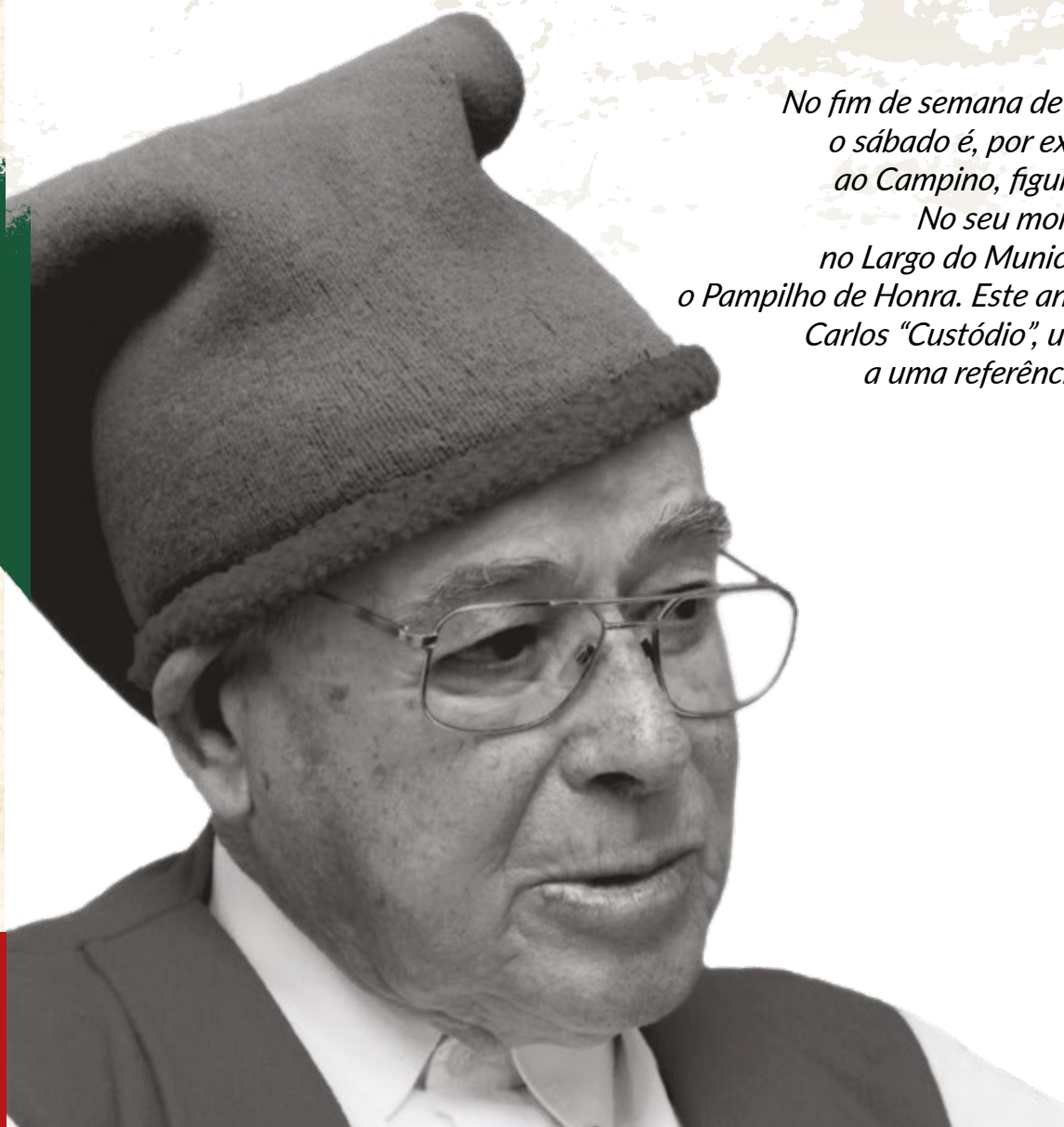
Lúcio Isidro dos Santos, na altura com 17 anos, escoltou a cavalo, ao lado de várias centenas de campinos da região, o cortejo da recém-coroadada (1953), Rainha D. Isabel II de Inglaterra, à sua passagem na Ponte Marechal Carmona, antes do seu regresso a Lisboa. A efeméride assinalou a visita da monarca a Portugal, em fevereiro de 1957. As ruas de Vila Franca de Xira, engalanaram-se para receber o casal real britânico, que também visitou a Lezíria Grande. As honras foram prestadas num palanque, montado na Herdade do Camarão e a homenagem organizada pelo lavrador José Van-Zeller Pereira Palha. Na época, ao serviço do ganadeiro Rafael Mendes Calado, foi encomendado um traje de festa e sapatos, tudo feito à medida. O maioral ainda usa o mesmo calçado nos eventos festivos e assim também será por ocasião da sua homenagem, em Vila Franca de Xira.

Texto: Prazeres Tavares

Fotografia: imagens gentilmente cedidas
pela família; Arquivo Municipal; Museu Municipal;
Inês Serrazina; Vitor Cartaxo.

PAMPILHO DE HONRA
**Carlos Alves da Silva,
o Carlos “Custódio”**

No fim de semana de Colete Encarnado, o sábado é, por excelência, dedicado ao Campino, figura central da Festa. No seu momento mais solene, no Largo do Município, é empunhado o Pampilho de Honra. Este ano tem nele inscrito Carlos “Custódio”, um tributo póstumo a uma referência da campinagem.





Nascido na véspera de Natal de 1933, em Vila Franca de Xira, embora registado mais tarde como era antigamente costumeiro, recebeu a graça de Carlos Alves da Silva. Um dos sete rapazes da prole de 11 filhos de Manuel da Silva e de Izabel do Rozário, foi dos poucos a seguir a arte do pai, um carismático campino do Ribatejo. Por leis que nem o divino explica nem o Homem ensina, já trazia no sangue a paixão pelo campo e, sorte a sua, estava talhado para o ofício. Em pequeno fugia do cerco da escola para a liberdade e para o restolhar das pastagens. Alegavam-lhe a feição os animais, dos cavalos aos toiros e tudo o que lhes dissesse respeito. Saía com o pai de madrugada para ver como este fazia, pousando a atenção nos pormenores, acalentando o sonho de vir a ser aquele o seu trabalho. Até que não voltou mais às sebentas da escola para ganhar o seu primeiro ordenado, aos 12 anos, na Casa Palha, como ajuda do campino Pedro Saldanha, à data, maioral dos bois. Foi criado ali, em Samora Correia, junto de outros campinos da velha guarda, de quem guardou os principais ensinamentos, religiosamente aplicados no decurso da sua ocupação, merecendo-lhe a herança do nome do pai, pelo qual ficou sempre conhecido, Carlos “Custódio”. Na verdade, este nome pertencia a um tio (maioral real da Casa Palha), mas, por

associação, assim ficaram referenciados na maior arte do campo, pai e filho.



Família “Custódio” nos Paços do Município

Dos primeiros trabalhos lembram os filhos de Carlos “Custódio”, Manuel e Fernanda, também fez parte a jorna, a arranjar cavalos, na Merceana (Alenquer), na propriedade da D. Mariazinha. Foi trabalho de que sempre gostou e, até poder, arranjou sempre as suas montadas, porque “ficava à sua maneira, como gostava e à confiança”, explicaram. Uns tempos depois, e porque na Casa Palha a tralhada terminara, rumou à Casa

Conde Cabral, para lá permanecer 10 anos e, aos 25 anos, tornar-se o maioral das vacas bravas. Conhecer a genealogia dos animais era uma responsabilidade sua. Estudava-os como ninguém, conhecia-lhes a mãe, o pai, as manhas, a *fiereza*. Tinha resposta pronta quando o patrão questionava sobre qualquer cabeça do efetivo à sua guarda. Afinal, todo este manancial de conhecimento pode fazer evoluir ou exterminar uma ganadaria. Mas o seu percurso não ficou por aqui, regressando ao Monte de Santo Isidro para envergar o ferro Palha até aos seus últimos dias.

Dar o exemplo e ensinar o preceito

Não lhe calhou no sorteio ir à tropa, mas a disciplina e o rigor foram empregues em cada dia de trabalho. Em tempos, numa entrevista, disse “Campinar é uma arte e como todas as outras artes tem que ter perfeição”, talvez porque, desde a sua meninice, o próprio pai exigia que ele desse o exemplo. Se aos outros campinos marcava uma hora para se apresentarem ao serviço, aos filhos antecipava essa presença para que nunca houvesse atraso. Carlos “Custódio” também assim fez para que tratassem o ofício com o brio que o mesmo merece. Tinha gosto em ensinar as tradições aos mais novos e, contam os filhos, era



Manuel e Fernanda, filhos de Carlos “Custódio”



Entre recordações, a ferradura da “Domesticada”

paciente nessa missão. Para ouvi-lo gritar, zangado, lembram-se, era preciso algo muito sério... Não era do seu feitio.

Não tolerava a falta de respeito para com os animais e essa era outra das suas conhecidas virtudes. Referia que o manejo da vara na condução do gado e saber dar o cabresto ao toiro, para o dobrar, era o segredo. Testemunharam e acompanharam estes preceitos, alguns pares de profissão como Carlos Costa, Paulo Correia “Picadinho”, Vítor Manuel Silva “Japão” e, também, algumas montadas que tanto estimou: a “Domesticada”, da qual Carlos “Custódio” guardou as suas ferraduras, o “Vida Alegre” que, contam, “parecia que chorava quando algo não estava bem”, o rebelde e afoito “Talismã” que “dava conta de tudo o que surgisse”, entre outras, como recordou o filho Manuel. Para a história ficaram também alguns cães como o “Macaco” e o famoso “Jadisse”, que “respondia ao nome como nenhum outro e era o seu melhor ajuda, trazia os toiros devagarinho”, como um verdadeiro profissional. Tal foi o carinho por este companheiro de campo que, nas gerações de cães que lhe sucederam, atribuiu-lhes o mesmo nome.

“Dos toiros não tinha medo”

Entre algumas quedas e mazelas, sofreu, por volta dos seus trinta e poucos anos, um grave acidente. Acordou oito dias depois, no hospital, com uma vista comprometida e tonturas para o resto da vida, mas Carlos não viu nisso impedimento para continuar nas suas lides. Aliás, “era



«CAMPINAR É UMA ARTE E COMO TODAS AS OUTRAS ARTES TEM QUE TER PERFEIÇÃO»

Carlos “Custódio”, revista *Novo Burladero*



Sob a Ponte Marechal Carmona

corajoso, dos touros não tinha medo, mais depressa o incomodava uma abelha”, disseram quase em uníssono os filhos, Manuel e Fernanda.

Correu as praças de toiros do País, apresentando-se, também, em Espanha. Participava em provas várias, mas apreciava, sobretudo, picarias e os primeiros prémios eram recorrentes, proporcionando-lhe vários troféus, significativos da sua mestria. Expostos pelo próprio na sua casa e preservados pela família até hoje, deste espólio de lembranças de uma vida inteira, Carlos “Custódio” retirou apenas alguns pertences para oferecer, com sentido gosto, a alguns dos seus pares de ofício, a quem reconhecia uma forma similar de trabalhar a arte da campinagem.

Do reconhecimento da sua arte contam-se várias homenagens ao longo da vida, como em Alcochete, Samora (Benavente) e Azambuja. Em Vila Franca de Xira, a sua homenagem, em vida, na festa do Colete Encarnado, remonta a 1975.

Colete Encarnado e Feira Anual eram especiais

Foi pela primeira vez ao Colete Encarnado com 14 anos e, pouco depois, começou a ir às esperas de toiros. Foi por 17 anos o encarregado das esperas de toiros no Colete Encarnado e participou por mais de 50. Já o seu pai havia sido um dos primeiros a integrar a Festa e a colocar um toiro em Vila Franca de Xira, quando a passagem do campo para a cidade se dava pela Ponte Marechal Carmona, contou Manuel (filho do Pampilho de Honra).

Colete Encarnado e Feira Anual de Outubro sempre foram especiais para Carlos “Custódio”. No Colete Encarnado era vê-lo no seu traje de festa, de colarinhos apumados, dobra impecável

na meia de renda alva, momentos que Fernanda recordou enternecida: “Aquilo com o meu pai tinha um encanto diferente, era mesmo especial”.

Campinagem: a sua forma de vida

Depois de retirado, oficialmente aos 68 anos, continuava os seus afazeres, rumando muitas vezes a Santo Isidro para matar saudades. Após perder a sua mulher, Maria de Assunção, com quem esteve casado 60 anos, arranjava consolo nas recordações. Tinha saudades da vida de campino e o que mais gostava era de resgatar memórias, fosse com os seus pares de profissão ou à lareira, a assar castanhas com a sua filha. Destas conversas faziam parte os episódios em que explicava como a adrenalina improvisava perante os possantes animais, sempre ávidos por investir, fazendo jus à sua natureza. A paixão pela festa brava sobrepôs-se sempre às agruras da profissão. Já em idade avançada, amparado no seu cajado, não perdia as esperas de toiros das festas da região.

Quis o destino que partisse a 25 de agosto de 2020, aos 86 anos, na sequência de um acidente vascular cerebral (AVC). Consigo levou o seu barrete, representativo da entrega e sentimento com que viveu o seu trabalho ou, melhor, a sua vida, que não poderia ter tido outra forma.

O Município, a festa brava e os familiares reunem-se para, nos 91 anos do Colete Encarnado, evocar Carlos “Custódio”, que abraçou mais de meio século de profissão e, com a sua arte, brindou a *afición*, honrou e fez respeitar o traje de Campino.

Texto: Ana Sofia Coelho

Fotografia: imagens gentilmente cedidas pela família de Carlos “Custódio”; Inês Serrazina



GANADARIA HERDEIROS DE PAULINO DA CUNHA E SILVA

A quarta ganadaria mais antiga de Portugal, com 150 anos de História

Numa propriedade em terras ribatejanas encontra-se, desde 1873, a Ganadaria Herdeiros de Paulino da Cunha e Silva. Fundada por Paulino da Cunha e Silva, bisavô de Alexandre José Roquette Lobo da Silveira, quem nos abriu as portas da Quinta da Comenda, em Alcanhões (Santarém) e assume a direção da Ganadaria nos tempos de hoje.

É quarta ganadaria mais antiga de Portugal, registada oficialmente a 21 de outubro de 1884, em Lisboa. Uma história que passou de geração em geração como nos explica Alexandre Lobo da Silveira “depois da morte do meu bisavô, passou para a minha avó e para as minhas tias, depois para o meu pai e posteriormente para mim e para os meus irmãos, somos cinco agora. A família está toda ligada ao negócio dos toiros.”

Foi nos campos, onde nasceu a história do ferro, em que se encontram os toiros habitualmente, que decorreu grande parte da nossa conversa.

Paulino da Cunha e Silva, deu início à Ganadaria com casta portuguesa. Em 1942, o herdeiro António Lobo da Silveira optou por substituir toda a ganadaria existente e, simultaneamente adquiriu casta espanhola a João Torres Vaz Freire, e sementais ao Dr. António Silva. Mais tarde, a ganadaria foi refrescada por sementais adquiridos a David Ribeiro Telles e “ultimamente tivemos um do Manuel Coimbra e nossos também”, explica-nos Alexandre.



“Toiro baixo, harmonioso, bem-posto de cara”

O atual efetivo é composto por cerca de 40 vacas e três sementais, estando o efetivo masculino de um lado e o efetivo feminino noutra local. O criador explica-nos que para este ano conta com nove toiros, “a ganadaria não tem um esqueleto muito grande”, o peso de cada toiro oscila entre os 470/480 kg e caracteriza-se por ser um “toiro baixo, harmonioso, bem-posto de cara”. A pelagem é predominantemente preta, onde também aparece o castanho e o chorreado.

A avaliação das reses na seleção nas tentas é um processo rigoroso, contudo para Alexandre, os fatores mais determinantes são as varas e depois a muleta. A vaca até pode ser muito boa na muleta, mas se teve mal nas varas eu nunca fico com ela. Nas varas é que a gente vê a bravura.”

Estes animais são fruto do regime alimentar realizado em pastoreio natural, com exceção para períodos de crise em que, ainda assim, acresce somente o feno.

“Este ano por exemplo foi um ano mau, não

choveu em abril, não há fartura de comida.” Os invernos por vezes tornam-se problemáticos porque as terras são muito baixas e os pastos ficam debaixo de água. Quando isso acontece os animais são alimentados “à mão”.

Todo o trabalho da ganadaria está a cargo do maioral David Reis. Está na ganadaria há três anos, mas conhece a Herdade desde miúdo, quando acompanhava o seu pai à Ganadaria. Não tem apenas esta profissão porque como nos explica Alexandre “hoje em dia é impraticável, acaba por desempenhar várias funções dentro da Casa.”

Quem também já foi maioral nesta Casa Agrícola foi o Campino José Mimoso, campino homenageado em 2019, nas Festas do Colete Encarnado. Alexandre fala-nos dele com carinho, esteve nesta Casa durante 10 anos e ainda a representa nas festas como maioral envergando no colete o reluzente ferro da Casa.

A estreia da ganadaria com a casta espanhola, verificou-se na antiga praça de Santarém, e a primeira corrida que lidou na praça do Campo



Pequeno ocorreu no dia 22 de agosto de 1947.

Sobre concursos e prémios, em 1961 (aproximadamente) a divisa de Paulino da Cunha e Silva foi premiada com o troféu do jornal Diário Ilustrado para o melhor curro toureado nesse ano, e em 1982 e 1983, recebeu em Salvaterra de Magos os prémios de bravura para os touros lidados naquela praça. A 28 de junho de 2013, na 3.ª Grande Corrida da Adega de Pegões, na Praça de Toiros do Montijo, em que estavam a concurso seis ganadarias, a Herdeiros de Paulino da Cunha e Silva saiu como a grande vencedora da noite.

Questionado sobre se algum toiro já tinha afamado a Ganadaria, recordou-se do “Justiceiro”, um toiro bravíssimo, a 29 de outubro de 1978, na Praça de Touros Palha Blanco, em Vila Franca de Xira.

À data da nossa conversa, Alexandre tinha uma corrida agendada para este ano, a 24 de junho, no Cartaxo. Iria lidar seis toiros, ficando ainda com três toiros que não sabia se ia lidá-los ainda durante o presente ano “ainda estou na dúvida, tenho de ver o que tenho para o ano que vem, para equilibrar, às vezes tenho de guardar toiros de um ano para o outro para depois não ficar com três ou quatro toiros.”

Já estive em Praças de norte a sul do país, conhecendo assim grande parte do Continente graças à Ganadaria, contudo ultimamente as corridas que têm feito são sempre na zona de Santarém. Sobre se há alguma praça que lhe seja mais especial não hesita na resposta “há uma praça que eu gosto muito, a da Nazaré, as corridas lá nunca chateiam, a praça é muito pequenina, e as corridas são sempre alegres.” Revela ainda que nunca teve um acidente com toiros, nem mesmo em praça.

Uma Herança com 150 anos que promete continuar

Dar continuidade a uma ganadaria pode ser um exercício financeiro complicado nos tempos de hoje “isto não é negócio, ninguém enriquece com isto. É por gosto. A ganadaria hoje em dia não é rentável. Se der para a despesa, já fico muito contente, ninguém enriquece com isto”, explica-nos.

É Alexandre que faz diretamente a venda dos toiros. Em tempos já teve um responsável por esta matéria, José Brás, braço direito de Celestino Graça. Relativamente aos seus clientes são as praças portuguesas embora já tenha feito uma corrida em França há muitos anos.

A par deste percurso o criador tem também outras atividades agropecuárias, como três manadas de gado manso, em outras propriedades localizadas na Marateca, Coruche e Pernes.





Neste momento, estão a decorrer partilhas entre os herdeiros, mas para Alexandre a continuidade da ganadaria não está em causa “Irá sempre continuar em outros terrenos herdados”.

Alexandre Lobo da Silveira tem três filhos, duas raparigas e um rapaz, todos apaixonados, e afirma que enquanto for possível tencionam continuar com a ganadaria.

“A Tauromaquia em Portugal tem futuro”

Sobre eventuais constrangimentos à boa continuação de toda atividade tauromáquica e como vê o futuro da Tauromaquia em Portugal afirma que vê muita juventude nos toiros “vamos às praças e têm muita rapaziada nova, a Tauromaquia em Portugal tem futuro”. Contudo também admite que está a atravessar uma fase menos boa, afirmando que sempre houve pessoas contra as touradas, realçando que o problema hoje

“ISTO NÃO É NEGÓCIO, NINGUÉM ENRIQUECE COM ISTO. É POR GOSTO.”

em dia deve-se às pessoas que são mais urbanas, esquecendo-se que o país não é só Lisboa, Porto e as grandes cidades. Termina o assunto com a certeza que “não está para acabar já, ainda se vai aguentar e esperamos que sim.”

A este propósito dá-nos a sua visão sobre a Festa do Colete Encarando, que considera uma festa simpática e gosta muito de Vila Franca. “O ano passado fui ver Morante, toiros do Manuel Veiga, tenho lá amigos, conheço lá muita gente.”

A nossa visita termina no Tentadero da Casa Agrícola, construído em 1944, onde Alexandre conta, com orgulho, sobre as centenas de pessoas que ali trabalharam em volta deste negócio, “a nossa Casa Agrícola tinha tudo cá dentro, desde o padeiro aos carpinteiros, apenas o ferro era adquirido fora, era uma Aldeia!”

Texto: Milene Monteiro
Fotografia: Inês Serrazina



TERTÚLIA MÓVEL "O AUTOCARRO"

A paixão pela tauromaquia não tem formato

Fundada nos anos 90 do século passado, a Tertúlia "O Autocarro" mantém bem vivo o espírito de partilha, o genuíno convívio e o amor à Tauromaquia dos sócios fundadores.

Tal comprova que, com empenho e boa vontade, o interior de um autocarro pode ser um local tão bom como qualquer outro para fazer (e viver) a Festa.



Interior de "O Autocarro"

Fundada durante a Feira de Outubro de 1993, a Tertúlia Móvel "O Autocarro" nasceu do amor comum pela Festa Brava de um grupo de homens da terra, Joaquim Carradinha, "Tonecas" Bastos, Joaquim Balsa, "Vinagre" e António Pereira - este último o único dos fundadores ainda vivo.

Carlos Correia, atual tesoureiro, explica que esta fundação surgiu com um ímpeto, "sem que tenha sido uma ideia pensada, inspirada ou copiada. Foi adquirido um autocarro com o objetivo de o transformar num espaço de lazer e convívio."

Inicialmente com o nome de "Tertúlia Móvel Victor Mendes", em homenagem ao Matador de Touros Vila-Franquense, a tertúlia foi colocada pela primeira vez nas esperas de toiros de Vila Franca de Xira na Rua 1.º de Dezembro, em frente aos números 5 e 7.

Ainda bem gravado na memória de Carlos Correia, que o recorda de forma nostálgica, está o tímido e difícil nascimento da tertúlia: "Tudo começou com um pequeno autocarro sem motor adquirido a um clube do Carregado que era colocado lá pelo Sr. Neves que tinha na altura uma empresa de reboques no Porto Alto". Recorda ainda o importante contributo e boa vontade da família Ceitil, que, desde a sua génese, e até aos dias de hoje, fornece água e luz à tertúlia, bem como uma pequena área de arrumos, razões pelas quais são sócios honorários do "Autocarro".

Com o passar dos anos, a tertúlia foi crescendo em idade, em número de sócios e em histórias vividas intensamente dentro e fora do espaço tertuliano. Os novos tempos exigiam um novo espaço, mais moderno, mais espaçoso, com maior segurança para os associados e suas famílias.

O ano de 2000 ficou assim marcado por várias mudanças



impactantes, desde logo a alteração do nome da tertúlia - que se deixou de chamar "Tertúlia Móvel Victor Mendes" para adotar a nomenclatura atual -, até à aquisição de um novo autocarro, maior, mais moderno, cómodo, seguro e, acima de tudo, completamente funcional em termos de locomoção.

A mobilidade desta nova "sede" trouxe consigo um conjunto de novas oportunidades, mas é também o momento em que se verificam as primeiras mudanças humanas dentro da estrutura dos fundadores com a saída de alguns.

Foi também nesta altura que a tertúlia deu o seu primeiro grande salto em termos de visibilidade e notoriedade, destacando-se, como um dos momentos altos da época, o destaque obtido num artigo publicado numa conceituada revista espanhola na área da tauromaquia. É com nostalgia, indisfarçável orgulho e um brilho muito especial nos olhos, que Carlos Correia relembra estes bons tempos, imortalizados no espólio exibido por toda a tertúlia, como quadros ou objetos tauromáquicos recheados de histórias sempre prontas a serem contadas.

E é através destas histórias, que são contadas vezes sem conta, que se mantêm vivos e contagiantes, o passado e a tradição. Segundo Carlos Correia até o próprio autocarro "tem as suas próprias histórias para contar", sejam elas feitas de buracos infligidos pelos cornos dos toiros ou pelas manifestações de arte dos aficionados, que não resistem a deixar a sua marca no museu vivo que é a "Tertúlia Móvel O Autocarro".

Em 2012 deu-se outro momento significativo na história da tertúlia, com a aquisição de um novo autocarro, pois, como bem refere Carlos Correia "nada é para sempre". E é este autocarro, o mesmo que mantém até aos dias de hoje, que funciona como uma extensão dos seus atuais 14 sócios, tendo todas as sucessivas alterações, ajustes e manutenções sido realizados pelos mesmos e respetivos familiares.

É com orgulho que Carlos Correia fala das horas investidas por todos na adaptação do autocarro, que o transformou numa tertúlia com capacidade para acomodar 32 pessoas, sentadas à mesa a almoçar ou jantar, ou simplesmente a conviver entre si. A tertúlia tem em si um pouco de cada um dos seus sócios, sendo o elo unificador, que transformou várias famílias numa só.

O conceito de família e de bem receber, é, aliás,

bem visível durante as festas tauromáquicas realizadas ao longo do ano, onde são disponibilizados, gratuitamente, inúmeros litros de cerveja. Em tom de desabafo, Carlos Correia partilha que os "tempos são mais difíceis do que nunca, e é cada vez mais complicado garantir a manutenção de um autocarro com estas dimensões". Foram já várias as tentativas feitas pelos sócios no sentido da aquisição ou aluguer da garagem que se encontra em frente ao local de estacionamento da tertúlia, o que permitiria aumentar o número de sócios e, conseqüentemente, da receita proveniente das quotas, mas tal não tem sido possível. Não obstante as dificuldades, a Tertúlia Móvel



Da esquerda para a direita: João Neves, Filipe Neves e Carlos Correia

"O Autocarro", conquistou já, por mérito próprio, o seu lugar na história das tertúlias tauromáquicas de Vila Franca de Xira, sendo difícil imaginar um *Colete Encarnado* ou uma *Feira Anual de Outubro*, sem a sua presença nas ruas desta cidade.

O "Autocarro" fica assim à sua espera já no próximo mês de julho, em mais uma edição do *Colete Encarnado*, no local que foi sempre a sua casa: a Rua 1.º de Dezembro, em frente aos números 5 e 7.

Texto: Ricardo Sousa
Fotografia: Vitor Cartaxo

Nota de redação: O entrevistado, Carlos Correia, ressalva o possível esquecimento do nome de algum possível fundador.

A Tertúlia “A Caldeira”: preservando a cultura taurina e a identidade portuguesa em Vila Franca de Xira

A Tertúlia “A Caldeira” é há mais de 29 anos um espaço de confraternização para familiares e amigos da família Duarte. Situada nas Cachoeiras, é um importante ponto de encontro para os amantes da tauromaquia e para quem procura um ambiente acolhedor onde a tradição e a cultura são os fatores de união.

A génese da Tertúlia “A Caldeira”

Tudo começou por ser um espaço de reunião e convívio para se discutir sobre touros, agricultura, entre outros assuntos. Para os mais velhos, preservar esta cultura é importante, principalmente em tempos de forte oposição à tauromaquia, por parte de ativistas. Mas, para além desta temática, as reuniões permitem, também, que os parentes mais distantes mantenham o contacto. José Duarte, fundador da Tertúlia, conta que “quando são pessoas do sul fala-se de touros, fala-se da agricultura e quando são famílias do norte (...) não se fala de touros porque eles não valorizam”, permitindo a troca de experiências e opiniões.

No período das festividades do Concelho, *Colete Encarnado* e a *Feira Anual de Outubro*, apesar de terem menos visitantes devido ao acesso difícil à Tertúlia, mantém as portas abertas aos

interessados: “sim, sim está aberta! Vimos nós e vêm alguns amigos que a gente convida, mas no geral as pessoas não vêm nesses dias porque tem a festa lá em baixo... Os portões estão abertos”, afirma José Duarte.

O nome “A Caldeira” deve-se à presença de uma antiga caldeira de destilação que funcionava no local, quando a casa era um antigo alambique. Explica José Duarte que a caldeira era utilizada para queimar o bagaço da produção de aguardente e o nome permaneceu mesmo após a transformação do espaço, mantendo viva a tradição que envolve os alambiques e a produção de vinho. Os elementos tauromáquicos são, também, presença constante no espólio do espaço, destacando-se exposição de fotografias, cartazes e objetos antigos relacionados com a agricultura e com a produção de pão e aguardente, além das fotos de pessoas importantes para a história da Tertúlia. José Duarte também evidencia o objeto que possui com um valor sentimental especial, a foto do seu sogro, que colaborou muito na construção da Tertúlia. Começou a ser organizada a partir da partilha de fotos de touros e de peças da agricultura entre familiares, e ganhou forma com a recuperação das paredes e decoração do espaço.

Encontros entre gerações

O fundador da Tertúlia acredita que estes espaços são essenciais para a sociedade atual porque permitem a união e convivência com diferentes gerações. Revive nostálgico “a Juventude





une-se, brinca, bebe uns copos, reina e daí sai a cultura taurina”. As touradas são uma tradição que se perpetua há séculos e são de relevância para a preservação da história e da identidade portuguesa. Refere que “nós os tertulianos mais velhos conseguimos, tentamos conseguir puxar rapaziada mais nova, rapazes e raparigas, muitas já se vê bastantes e isso é engraçado.” Recorda que as novas tecnologias são ótimas ferramentas para a comunicação, mas tem um fator que distancia a conexão e o contato direto com as pessoas. Alerta, para a importância de os jovens estarem predispostos para aprender com as gerações mais velhas, absorvendo os conhecimentos e as histórias que só podem ser transmitidos mantendo a essência da convivência. Só assim, com a troca de experiências e o respeito pelas diferenças, se consegue a construção de uma sociedade mais coesa e harmoniosa.

Antes da pandemia, a Tertúlia costumava receber os amigos e as suas famílias para almoços e outros encontros, mas isso tornou-se inviável nessa ocasião. Durante o período de distanciamento social a Tertúlia permaneceu fechada e, conseqüentemente, a sua dinâmica foi afetada.

A tradição, cultura e *afición*

“A Caldeira” é um ponto de encontro de aficionados das touradas, fruto da paixão partilhada da família Duarte pela modalidade. Segundo, José

Duarte, a paixão pelas touradas foi crescendo de geração em geração dentro da família: “Isto nasceu porque eu sou apaixonado, o meu sogro era apaixonado e o meu filho é apaixonado”.

A Tertúlia não tem padrinhos, sendo os seus membros constituídos por José Duarte e pelo seu filho, o que não invalida a frequência de qualquer pessoa, desde que se informe com antecedência.

“A Caldeira” é um espaço que promove e fortalece o sentimento de pertença. E acima de tudo, é um lugar onde as pessoas se divertem e aproveitam os bons momentos da vida. Espera que a Tertúlia continue a existir por muitos anos, sempre com a mesma alegria e dedicação que têm atualmente, para continuar a promover a cultura portuguesa e a receber os amigos e familiares para conviver e desfrutar da boa comida e bebida que a casa oferece. Apela aos mais jovens que valorizem as touradas e mantenham a tradição secular viva, organizando festas, eventos que promovam o convívio e despertem o interesse pelas touradas.

A tauromaquia é uma tradição secular que vale a pena preservar, e a Tertúlia “A Caldeira” é exemplo disso, mais do que um simples espaço de reunião de amigos, é uma tradição familiar que pretendem manter viva por muitos e muitos anos.

Texto: Bernardete Aguilar
Fotografia: Miguel Mestre

COLOCAÇÃO DE AREIA NAS RUAS

Manuel Jorge Pinto Ribeiro: há mais de 30 anos a contribuir para a “Festa Valente”

É com orgulho e satisfação que Manuel Ribeiro participa em cada Colete Encarnado. Afeto à colocação de areia nas ruas, sabe, melhor que ninguém, a importância desta tarefa para que as esperas de toiros decorram em segurança.



Manuel Jorge Pinto Ribeiro é funcionário da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira há 36 anos, o mesmo número de anos em que trabalha na colocação da areia nas ruas da cidade na preparação do *Colete Encarnado*. Encarregado de obras e arruamentos, encara a tarefa não só como um contributo para o sucesso da iniciativa, mas também como um momento de genuíno convívio, animado pelo espírito de festa que se vive nesses dias.

Apesar de ser um processo cada vez mais mecanizado, Manuel Ribeiro lembra os primeiros tempos em que eram necessários vários dias, e cerca de 70 homens, para preparar as ruas. Mas a experiência de quem conhece, como poucos, os truques e segredos da função, continua a ser decisiva para que se cumpram todas as condições de segurança.

Despejadas no local por máquinas, as 800 a 850 toneladas de areia que são usadas nos três dias das

esperas do *Colete Encarnado* são depois espalhadas por funcionários municipais que garantem a sua colocação uniforme, com cerca de 3 a 4 cm de altura nas retas, e maior altura nas “zonas difíceis”, como a “curva do Conde Barão” ou o Largo 5 de Outubro, onde se fazem “umas paródias com os cavalos e os Campinos”. Este aspeto é determinante, sobretudo na passagem dos cavalos, evitando que escorreguem e caiam.

Entre cada espera a equipa afeta à tarefa volta a intervir nos tão necessários “retoques de areia”, havendo sempre duas a três camionetas carregadas de areia, do lado de fora da curraleta, para esta finalidade, repondo a altura, lisura e condições de segurança iniciais.

Com quase 60 anos, Manuel Ribeiro prossegue a sua tarefa com o mesmo entusiasmo e zelo, ciente da importância de passar às gerações mais novas os seus conhecimentos sobre a função que há mais de três décadas desempenha com orgulho.



Texto: Carla Coquenim
Fotografia: Inês Serrazina e Vítor Cartaxo

EXPOSIÇÃO

Vila Franca

imagens em movimento

Vila Franca in moving pictures

Curadoria David Santos

29 | 08 '23
jun | out

Celeiro da Patriarcal
Vila Franca de Xira

Entrada Livre



CÂMARA
MUNICIPAL



MUSEU
MUNICIPAL



cinemateca
portuguesa

Ligações Fortes
cm-vfxira.pt



VILA
FRANCA
DE XIRA

FEIRA
ANUAL
DE OUTUBRO

42.º SALÃO DE
artesanato



29 SET 8 OUT 2023

Parque Urbano / Pavilhão Multiusos



CÂMARA
MUNICIPAL

Ligações Fortes
cm-vfxira.pt

